

## Breve história da construção misógina do Ocidente Cristão

Eliézer Serra Braga\*

---

**Resumo.** O cristianismo, de origem oriental e fenômeno social que toca a religiosidade, é o elemento mais determinante na construção da cultura ocidental. Resulta de numerosos de fatores que incluem trocas sincréticas, elementos teológicos, construções ideológicas e interesses políticos, alguns pré-existentes por ocasião do seu surgimento na Palestina Romana, cuja compreensão é indispensável para melhor entender a formação da moral nas sociedades cristãs. Entre as características marcantes resultantes da constituição deste fenômeno religioso encontra-se a misoginia. Interessa a este artigo ressaltar a importância da abordagem histórica em conjunto com a análise literária sobre narrativas religiosas ou historiográficas dos componentes que se constituíram em fundamentos presentes no berço desta misoginia. Desde os processos de “culturalização” conduzidas pelos impérios grego e romano e suas diversas trocas com o ambiente judaico e por todo o mediterrâneo que levou ao surgimento do que se chamou helenismo, encontram-se elementos chaves na produção deste fenômeno social.

**Palavras-chave:** machismo, religião, gênero, helenismo, judeu cristianismo

### Brief history of misogynist construction of the christian west

**Abstract.** Christianity, a social phenomenon that touches religiosity is the most decisive element in the construction of Western culture and has its origins in the East as a result from a number of factors including syncretism exchanges, theological elements, ideological constructions and political interests, some pre-existing to the occasion of its rise in Roman Palestine. Understanding of these elements is imperative to a better comprehension of the moral formation of Christian societies. Among the striking features resulting from the establishment of this religious phenomenon is misogyny. Looks this article to identifying by the instrumentality of history and literary analysis on religious or historiographical narratives, some of the components that were located in the foundations present in the cradle of this misogyny. Already in the “culturalization” processes previous to Christianity that was conducted by the Greek and Roman Empires and its various exchanges with the Jewish environment and throughout the Mediterranean that led to the rise of what is called Hellenism, are elements that produced this social phenomenon.

**Keywords:** machismo, religion, genre, Hellenism, Jewish Christianity

---

## Introdução

Nos estudos de gênero, posições feministas têm sido criticadas por anacronismo

---

\* Eliézer S. Braga ( [eliserra.unesp@gmail.com](mailto:eliserra.unesp@gmail.com) ) é doutorando pela UNESP – Assis, no curso de História e Sociedades, em Religiões e Visões de Mundo, e Mestre pela USP/FFLCH – pelo departamento de Letras Orientais, no curso de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas. Sua pesquisa centra-se na análise literária e historiográfica de narrativas sobre mulheres na Bíblia Hebraica e nos textos apócrifos produzidos no ambiente formativo do cristianismo primitivo na Palestina Romana

e por excesso de ênfase dada a um pretensão matriarcado primitivo<sup>1</sup>. Sabe-se que histórias como as das amazonas e outras que exemplificam especulações quanto a haver existido sociedades matriarcais na antiguidade distante são exagerações sem base documental. O que está disponível evidencia que o patriarcado tem sido o padrão das sociedades desde sempre a exceção de poucos exemplos literários, como Sara e Abraão em Gênesis, e algumas mulheres das histórias de aristocracias.

No entanto, no afã de comprovar teses sobre supostos matriarcados, os estudos feministas acabaram por despertar o interesse pela compreensão dos processos de “misoginização” da religiosidade que contribuíram com a radicalização das sociedades patriarcais.

Misoginia é o ódio ou desprezo pelo sexo feminino. A palavra vem do grego e é paralela a misandria, e antônima a filoginia.

Por vezes se confunde com machismo e androcentrismo, fenômenos dos quais faz parte, mas mais abrangentes, supraculturais, atemporais, e têm a ver com crenças na inferioridade da mulher e com a desconsideração das experiências femininas no ponto de vista masculino.

Para o sociólogo JOHNSON, Allan G. (2000)<sup>2</sup>

a misoginia é um aspecto central do preconceito sexista e ideológico, e, como tal, é uma base importante para a opressão de mulheres em sociedades dominadas pelo homem. A misoginia é manifesta em várias formas diferentes de piadas, pornografia, violência e autodesprezo que mulheres são ensinadas a sentir por seus corpos.

FLOOD (2007)<sup>3</sup> define a misoginia como o ódio às mulheres e observa que:

Embora mais comum em homens, a misoginia também existe e é praticada por mulheres. Funciona como uma ideologia ou sistema de crença que tem acompanhado o patriarcado ou sociedades dominadas pelo homem por milhares de anos e continua colocando mulheres em posições subordinadas com acesso limitado ao poder e tomada de decisões. Desde Aristóteles as mulheres em culturas ocidentais tem internalizado seu papel como bodes expiatórios da sociedade,

---

<sup>1</sup> BAMBERGER, Joan. O mito do matriarcado: porque os homens dominavam as sociedades primitivas? In: ROSALDO Z. Michelle., LAMPHERE, Louise (org.) *A mulher, a cultura, a sociedade*. Trad. Cila Anker e Rachel Gorenstein. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, 233-254, in ROCHA, Ivan Esperança, A passagem do Deus Feminino para o Deus masculino: um olhar sobre a religião oriental primitiva, Artigo apresentado durante a XXIX semana de História, Assis, UNESP, Outubro/2012.

<sup>2</sup> JOHNSON, Allan G., *Misogyny*, In *Blackwell Dictionary of Sociology: a User's guide to sociological language*. Oxford: Blackwell Publishing, 2000.

<sup>3</sup> FLOOD, Michael, *International encyclopedia of men and masculinities*. ISBN 978-0-415-33343-6, 18/07/2007.

influenciadas no século 21 pela sua 'objetificação' e autodesprezo culturalmente sancionados.

Embora não seja claramente percebido, misoginia na forma como se apresenta em nossos dias tem sido caracterizada como resultante de construções ideológicas originárias das mitologias do mundo antigo assim como de várias construções religiosas e ideológicas. Alguns destes elementos antecedem e influenciam decisivamente o cristianismo na sua interpretação dos papéis femininos.

Observem-se alguns elementos pré-cristãos que geraram a misoginia e a forma como os mesmos são adotados, ou inseridos no cristianismo a partir de processos sincréticos e ideológicos, nem sempre casuais.

### **O elemento grego**

Vários filósofos e escritores da antiguidade, influentes na construção da cultura ocidental, tem sido descritos como misóginos.

HOLLAND (2006)<sup>4</sup> viu sinais de misoginia na mitologia do mundo antigo. Segundo este, de acordo com Hesíodo, a raça humana já existia antes da criação da mulher, numa coexistência pacífica com os deuses que foi quebrada pela instrumentalidade da mulher (mito de Pandora).

Na tradição literária grega, segundo J. W. Roberts em *City of Sokrates: An Introduction to Classical Athenas*, a misoginia é mais antiga que a tragédia. A mais antiga referência pode datar de Antípater de Tarso, filósofo estoico, num tratado moral *Sobre O Casamento* (150 a. e. c.), em que este faz referência a Eurípedes como um escritor misógino.

Outras referências de autores gregos do período clássico podem levar à identificação de figuras literárias misóginas como Jeronimus, Sofocles, Antipater, etc., ao século 2 ou 3 a. e. c. Não que todos fossem escritores misóginos, mas o stress encontrado em suas literaturas ao tratar do assunto revela a existência do tema em debate nas sociedades gregas clássicas.

A literatura grega expressa evidentes sinais de intensificação da misoginia durante os séculos em que este império entra em decadência, momento em que a busca por novas perspectivas e explicações para suas vicissitudes leva a um abandono do culto do corpo, e a um repúdio ao prazer e às sensações corpóreas, elementos que passam a

---

<sup>4</sup> HOLLAND, Jack, *Misogyny: The World's Oldest Prejudice*, Avalon Publishing Group, 2006.

ser tratados como nocivos, e que trazem consigo a rejeição pelo feminino como fator de corrupção da perfeição humana que leva ao desagrado da divindade. A ascese torna-se o elemento de maior expressão de fidelidade religiosa e transforma-se em fonte de teorias prejudiciais ao feminino que como se verificará, é adotada pelo cristianismo sem muitas modificações em seus conceitos elementares.

### **O elemento judaico**

Para o professor ROCHA (2012)<sup>5</sup>o processo que leva a maior compreensão humana sobre a importância do macho na fecundação faz transferir a importância da figura feminina como representação da fertilidade para a noção segundo a qual o homem seria o elemento chave neste evento. Dele é que saia a semente que fertilizava o solo e não mais da mulher que até então conceberia por si mesma e canalizaria os favores divinos para a fertilidade da terra através de cultos em que a nudez feminina em contato com o solo era uma das expressões rituais.

Esta noção trouxe maior ênfase sobre a importância do deus masculino e no oriente próximo levou a um processo de substituição de divindades femininas por masculinas.

Segundo Rocha<sup>6</sup>:

Com a descoberta da paternidade, começa a haver uma profunda mudança na concepção da fertilidade. O princípio fálico irá impregnar a arte e a religião, condicionando o modo de viver da humanidade. A partir da descoberta de que o sêmen masculino colocava vida no útero da mulher, o pênis tornou-se o phallos, objeto de culto.

Sendo assim, nota-se um padrão nos mitos de criação, característicos das sociedades patriarcais, em que a figura masculina ganha destaque. No mito judaico da criação, Adão é criado por um Deus masculino (ou “masculinizado” já por ocasião da estruturação das crenças religiosa de Israel) e aí o masculino não apenas supera o feminino, mas torna-se o seu criador (ROCHA, 2012).

Holland<sup>7</sup>, ao tratar da narrativa da queda do homem, em Genesis 3, concorda que se trata de um “mito que culpa a mulher pelos males e sofrimentos da raça humana”. Para ele, Eva é uma versão israelita ou judaica de Pandora, e torna-se um reflexo do

<sup>5</sup> Op cit.

<sup>6</sup> Op. cit.

<sup>7</sup> Op. cit. Ver também Pecado Original, do mesmo autor.

processo cultural religioso e ideológico que faz transitar da adoração de deusas para a figura divina do sexo masculino.

A Torá é compreendida por este autor como resultante do sincretismo de várias tradições judaicas que são apropriadas de um espaço no tempo em que o processo de transição para um deus macho estava acontecendo.

É de entendimento comum nos meios acadêmicos que a religiosidade israelita resulta de sincretismo de várias tradições provenientes de vários grupos tribais que se juntam a partir de peregrinações de vários clãs e populações em deslocamento desde o norte da África, até a Mesopotâmia e vice-versa, passando pelo Egito e crescente fértil. O ambiente era caracterizado por inúmeras de tradições culturais e religiosas. A partir disto, o que se tem é a formação dos fundamentos da religião israelita e somente posteriormente se faz sua reedição na forma de vários judaísmos que se manifestam a partir do império babilônico e do estabelecimento da Judéia como remanescente de Israel.

Tudo isso explica parcialmente a existência de aparentes contradições no antigo testamento, entre elas a apropriação pelos escribas do judaísmo de duas tradições independentes da criação que se encontram expostas em Gênesis 1 e 2: na primeira, homem e mulher são criados ao mesmo tempo pressupondo igualdade e coautoridade, mas no segundo relato, o homem é criado primeiramente e a mulher somente a partir de um de seus lados.

Na tentativa de explicar estas tradições, rabinos judeus parecem piorar a condição da mulher na tradição judaica explicando o mito de Lilit<sup>8</sup>, uma espécie de primeira Eva. Esta primeira companheira para Adão nunca chega a proporcionar uma relação exatamente adequada, pois tendo em vista a equivalência hierárquica adquirida pela criação concomitante com a do homem, vive a desafiar sua autoridade, e desta relação acaba por surgir o demônio e seus anjos que seguem atormentando a criação. No passo seguinte, Lilit é substituída por Eva, de um dos lados de Adão, posterior, e subordinada a este na continuação da narrativa que a coloca em segundo lugar e logo no capítulo 3 esta também se torna condenável, pois veio a comer do fruto proibido.

---

<sup>8</sup> O mito de Lilit é tomado de maneira parcial e superficial neste artigo, somente objetivando mencionar de que forma os primeiros os Rabinos Judeus que desenvolveram as literaturas básicas desta crença apropriaram aspectos do mesmo e o adaptaram a seus pressupostos fundamentais. A apropriação de crenças e aspectos teológicos, mitos e tradições comuns a outras culturas orientais e as posteriores adaptações ao monoteísmo israelita e judaico é um aspecto marcante na produção e interpretação da sua literatura.

## O elemento romano

Em Cícero encontra-se o tema na referência que faz a Aristóteles quanto a ser misógino ao escrever que mulheres são inferiores aos homens. E o tema se repete em referências a Plato e a República em que PAPPAS, N. (2003)<sup>9</sup> descrevendo o problema da misoginia afirma que na Apologia Sócrates acusa àqueles que “suplicam por suas vidas no tribunal de não serem melhores que mulheres”.

Timaeus adverte aos homens de que se não viverem adequadamente do ponto de vista moral, reencarnarão como mulheres. A obra República contém vários comentários com a mesma tendência.

Há menções a misoginia em Apologia de Sócrates, em que este sugere que a mulher deve ser considerada entre as propriedades do homem. Em Plutarco o tema é usado para Heracles na história de Phocion. E a questão se repete inúmeras vezes em outros exemplos.

O termo também pode ser encontrado em Menander, sobre o qual sabemos a partir do livro sete de Strabo sobre Alexandria, 17 volumes sobre Geografia, e a partir de citações por Clemente de Alexandria e Stobaeus sobre casamento.

Cícero relata que os filósofos gregos consideravam que a misoginia era causada pela ginofobia, ou ginecofobia (medo do feminino) sobre o que se verá mais adiante, e considerada uma doença (Cícero, Tusculanae, Quaestiones, séc. I a. e. c.).

De fato, embora não de maneira comum, a literatura greco-romana considerava a misoginia uma doença antissocial, contrária à percepção do valor natural da mulher como esposa, da família como fundamento da sociedade, como largamente apresentado na literatura secundária.

Deve-se considerar ainda ao se tratar do Império Romano, as mudanças instituídas por ocasião das transformações sócio culturais iniciadas por Augusto ao transitar da república para o império e aspectos como a exigência de que mulheres fossem representadas por homens como tutores os impactos que uma legislação machista teve sobre a sociedade romana e sobre o mundo dominado por esta cultura.

---

<sup>9</sup> PAPPAS, Nickolas, *Routledge philosophy guidebook to Plato and the Republic*. ISBN 978-0-415-29996-1, 09/09/2003.

## O elemento cristão

Nos estudos sociais atribui-se ao cristianismo um papel preponderante entre os elementos que forjaram o pensamento e o comportamento ocidentais. Considerando-se que para esta ciência a religião como fenômeno social é um importante ingrediente (se não o mais importante) a compor as forças de construção de dada cultura, deve-se entender em ampla perspectiva as motivações que levaram ao estabelecimento de paradigmas religiosos repressores ao comportamento social feminino.

Este fenômeno religioso tomado dentre as diversas seitas derivadas do judaísmo do primeiro século da nossa era recebe de sua fonte distintos elementos misóginos que por sua vez se manifestam e tomam contornos diferenciados à medida que variadas formas de cristianismos se proliferam e interpretam à sua maneira os textos e tradições de suas crenças.

Não se deve esquecer que o cristianismo, embora inicialmente uma seita de tradição judaica, deriva de um judaísmo extremamente helenizado, o que traz consigo uma atitude distinta à do judaísmo (os) mais tradicional, que embora misógeno em alguma medida, é marcado por posturas mais favoráveis com relação ao feminino, segundo Boyarin<sup>10</sup>.

ROGERS (1966)<sup>11</sup> em *The Troublesome Helpmate* lista alguns elementos que ela alega serem marcas da misoginia cristã no novo testamento a partir dos escritos de Paulo. Ela expressa que o legado da misoginia cristã foi consolidado pelos chamados “Pais da Igreja”, como Tertuliano que afirmava “ser a mulher a porta da entrada do mal e do diabo na história do homem criado a imagem e semelhança de Deus”.

Por outro lado, teólogos e estudiosos das tradições cristãs tem aventado a possibilidade de não ser o cristianismo original, enquanto movimento popular Galileu, exageradamente misógeno, assim como algumas correntes dos diversos judaísmos do primeiro século, baseados em textos como Gálatas 3:20 em que a mulher é considerada igual ao homem, não havendo diferença entre um e outro na nova dimensão de fé deixada pelo messias dos cristãos.

Isso pode ser verdadeiro se considerar-se que muito da misoginia da qual se impregna o cristianismo seja resultante de uma construção patrística e pós-patrística. Já no período apostólico e especialmente para os pais pós-apostólicos da igreja, se torna

---

<sup>10</sup> BOYARIN, Daniel, *Israel Carnal, Lendo o Sexo na Cultura Talmúdica*, Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1994.

<sup>11</sup> ROGERS, Katharine M., *The Troublesome Helpmate: A History of Misogyny in Literature*, 1966.

necessário acomodar os preceitos da nova seita religiosa às exigências políticas e ideológicas e aos interesses e cuidados do império. Esta novidade religiosa, que na esteira da dispersão judaica pelos romanos invade o ocidente aos finais do segundo século da nossa era, transtorna vários aspectos culturais, religiosos, esbarrando em interesses dos poderes constituídos.

Do ponto de vista da abordagem histórica da formação do cristianismo, importa observar por que os principais pensadores da teologia cristã foram tão acentuadamente resistentes ao feminino a ponto de terem sido classificados por pesquisadores modernos como instigadores de um fenômeno social de origem religiosa, designado como ginecofobia<sup>12</sup>.

A princípio sustentou-se que sua atitude (dos pais da igreja) representava uma herança do pensamento helenista, baseado na necessidade da ascese como elemento de aproximação entre os cristãos e sua divindade.<sup>13</sup>

A observação mais íntima das discussões apologéticas e das controvérsias entre as várias correntes de cristianismos que disputavam espaço em meio a muitas crenças circulantes no império romano revela outros fatores que influenciaram a criação de leis religiosas com vistas ao controle do comportamento feminino.

A simples leitura dos argumentos que nortearam personalidades como Jerônimo, Tertuliano, Gregório e outros a escreverem sobre mulheres da forma como o fizeram leva ao entendimento de que as elas, nos tempos da igreja primitiva e patrística, representavam mais que uma “fonte de tentação e pecado”.

LOPEZ, E. E. (1997), em suas investigações sobre a história das mulheres no cristianismo, sugere que baseadas em argumentos teológicos como os de Paulo, de que em Cristo não poderia haver acepção de pessoas, “... pois todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl. 3:28) muitas mulheres cristãs celibatárias se colocaram em pé de igualdade com homens em diversas posições de autoridade nas comunidades cristãs primitivas espalhadas pelo mediterrâneo.

Lopez sugere uma tese curiosa em que não somente do cristianismo, mas de várias religiões orientais procediam mulheres reivindicando em suas condições de virgens o direito de exercer autoridade em suas sociedades.

---

<sup>12</sup> BOYARIN, D., op. cit. pág. 106 e 246. Sobre o termo ginecofobia, ver também BRAGA, E. S., Santas e Sedutoras, as heroínas na Bíblia Hebraica: a mulher entre as narrativas bíblicas e a literatura patrística, SP, Humanitas, 2010, pág. 61.

<sup>13</sup> BRAGA, E. S., op. Cit.



Ela afirma que

A vinculação feminina ao judaísmo, cristianismo, ou a outras religiões não oficiais é um sinal de mulheres que usaram a religião como meio para negociar seu próprio lugar na sociedade. Mesmo que os espaços ocupados por elas não estivessem isentos de ambiguidades, elas souberam utilizá-los como marco de onde refletir seu valor pessoal e legitimar sua conquista de autonomia....<sup>14</sup>

## Referências

BOYARIN, D., *Israel Carnal*, Lendo o Sexo na Cultura Talmúdica, Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1994.

BRAGA, E. S., *Santas e Sedutoras*, as heroínas na Bíblia Hebraica: a mulher entre as narrativas bíblicas e a literatura patrística, SP, Humanitas, 2010.

FLOOD, Michael, *International encyclopedia of men and masculinities*. ISBN 978-0-415-33343-6, 18/07/2007.

HOLLAND, Jack, *Misogyny: The World's Oldest Prejudice*, Avalon Publishing Group, 2006.

JOHNSON, Allan G., *Misogyny*, In *Blackwell Dictionary of Sociology: a User's guide to sociological language*. Oxford: Blackwell Publishing, 2000.

LOPEZ, E. E., *El Poder de Significar de las Mujeres en las Comunidades de Pablo*, in UBIETA, Madri, 1977.

PAPPAS, Nickolas, *Routledge philosophy guidebook to Plato and the Republic*. ISBN 978-0-415-29996-1, 09/09/2003.

ROCHA, Ivan Esperança, A passagem do Deus Feminino para o Deus masculino: um olhar sobre a religião oriental primitiva. Artigo apresentado durante a XXIX semana de História, Assis, UNESP, Outubro/2012.

ROGERS, Katharine M., *The Troublesome Helpmate: A History of Misogyny in Literature*, 1966.

ROSALDO Z. Michelle., LAMPHERE, Louise (org.) *A mulher, a cultura, a sociedade*. Trad. Cila Ankier e Rachel Gorenstein. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

---

<sup>14</sup> LOPEZ, E. E., *El Poder de Significar de las Mujeres en las Comunidades de Pablo*, in UBIETA, pág. 54-55.